



PESQUISANDO MASCULINIDADES DISSIDENTES NA CIBERCULTURA: NOTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE A CONVERSA *ONLINE* COMO PROCEDIMENTO DA INVESTIGAÇÃO

Ruann Moutinho Ruani¹
Dilton Ribeiro Couto Junior²
Ivan Amaro³

INTRODUÇÃO

Este texto, de cunho teórico, é um recorte de pesquisa de mestrado em educação em andamento que vêm investigando como as normas regulatórias de gênero e sexo agem na constituição das masculinidades de pessoas autoproclamadas *gays* usuárias de aplicativos de pegação/namoro. Nosso foco com este texto é apresentar notas teórico-metodológicas que evidenciam alguns dos desafios da produção de conhecimento no campo de estudos de gênero e sexualidade, no contexto das dinâmicas ciber culturais. Mais especificamente, discutimos aqui a importância da conversa *online* como procedimento metodológico na pesquisa que adota o ciberespaço para o desenvolvimento do trabalho de campo. Afinal, conforme Sampaio, Ribeiro e Souza (2018, p. 25, grifos dos autores), a conversa é parte do convívio diário do ser humano e pode ser estabelecida de formas diversas: “conversas fiadas, afiadas, interessantes, desinteressantes; interessadas, desinteressadas; complicadas; provocativas, emotivas, alegres, tristes. [...] Conversamos enquanto estudamos, enquanto *aprendemos ensinamos*. Por que não enquanto pesquisamos?”.

A complexidade de formas com as quais podemos pesquisar e analisar os diferentes acontecimentos sociais não comporta “receituários” teórico-metodológicos de “como fazer”, pelo contrário. Nos alinhamos com a abordagem pós-estrutural e reiteramos que nossa preocupação não recai tanto sobre a busca pelas respostas, nos preocupamos “mais em descrever e problematizar processos por meio dos quais significados e saberes específicos são produzidos” (MEYER, 2014, p. 53). Para isso, problematizamos os discursos naturalizados e generalistas e entendemos que a produção de conhecimento nos fornece pistas provisórias para uma melhor compreensão de nosso objeto de estudo (MEYER, 2014). Ademais, pesquisamos interrogando os conhecimentos, nos colocando sempre abertos para inventar novos percursos metodológicos de forma a “recomeçar, ressignificar ou incluir novos pontos de vista” (PARAÍSO, 2014, p. 44) na medida em que a investigação é desenvolvida.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Baixada Fluminense (UERJ/FEBF). Membro do Núcleo de Estudos Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidades (NUDES). E-mail: rmruani@yahoo.cl;

² Pós-doutorando (bolsista PNPd/CAPES) e professor no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Baixada Fluminense (UERJ/FEBF). Membro do Núcleo de Estudos Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidades (NUDES). E-mail: junnior_2003@yahoo.com.br;

³ Professor da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Baixada Fluminense (UERJ/FEBF). Líder do Núcleo de Estudos Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidades (NUDES). E-mail: ivanamaro.uerj@gmail.com;



METODOLOGIA

A conversa como procedimento de pesquisa na cibercultura é um passo importante para se (re)pensado o desenvolvimento de pesquisas com pessoas porque implica uma reflexão teórico-metodológica acerca da forma como podemos colocar em prática uma postura dialógica e de alteridade por meio do uso de palavras que valorizem a horizontalidade das vozes na relação pesquisador/a-sujeito. Uma das preocupações centrais na condução destas interações é questionar as relações de poder que possam tornar assimétricas/hierarquizadas a relação estabelecida com os participantes do estudo. Assim, a própria abordagem metodológica empregada precisaria pôr em perspectiva a subversão da ordem tradicional de análise do pesquisado pelo pesquisador, buscando uma metodologia que permitisse a construção de experiências conjuntas, tornando os participantes da pesquisa em coautores da mesma.

Nesta perspectiva, a conversa *online* nos alinha a uma concepção de fazer pesquisa ancorada no princípio da horizontalidade das vozes, ou seja, partimos do pressuposto de que pesquisador e sujeitos dialogam em pé de igualdade (SAMPAIO; RIBEIRO; SOUZA, 2018). Dessa forma, reconhecemos a parceria do outro como um aspecto imprescindível na produção de conhecimento, com a conversa que visa a criação de redes de interações entre indivíduos, abertas, imprevisíveis, que interconectam contextos socioculturais distintos. A conversa “demanda de nós uma relação de alteridade, uma atitude de empatia, e não de submissão ou de opressão” (FERRAÇO, ALVES, 2018, p. 42).

Cabe ressaltar que nossa pesquisa não busca romper com os procedimentos metodológicos com os quais estamos familiarizados ou desprestigiar a opção pelos espaços físicos das instituições educacionais como campo empírico. Longe disso, nossa aposta com o presente texto é pensar o uso de novas potencialidades metodológicas que emergem com a conversação mediada pelo digital em rede. Assim, não se trata de, necessariamente, optar por estabelecer conversas mediadas pelo computador *ou* interagir presencialmente com as/os participantes da pesquisa. Concordamos com Paraíso (2014, p. 43) ao afirmar que “não podemos ficar reféns dos procedimentos de pesquisa que dominamos e que muitas vezes nos dominam”. Caso contrário, a própria forma de fazer pesquisa acaba tornando-se uma espécie de “camisa de força” pela tentativa inconsequente de adequar o objeto de pesquisa à metodologia. Defendemos justamente a direção oposta: a metodologia não deve ser definida *à priori*, mas construída na medida em que o trabalho investigativo avança e exige do/a pesquisador/a escolha pelo procedimento metodológico que julgue, naquele momento, ser o mais adequado. Assim, não estamos nos colocando na defesa irrestrita de uma metodologia perante outra, mas sim justamente propondo a possibilidade de ressignificação/recriação de métodos, bem como suas interposições.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Juntando-nos a Bourdieu (2007), buscamos fugir dos “cães de guarda metodológicos” quando busca sufocar potência investigativas em um método, ou melhor, “no método”. O modo de realizar nossas pesquisas possibilita nos movermos no difícil terreno de “cavar/produzir/fabricar a articulação de saberes e a bricolagem de metodologias” (PARAÍSO, 2014, p. 33) já que não se sustenta em uma teoria única fundamental. Em tempos de cibercultura, os processos comunicacionais que ocorrem no ciberespaço exigem o esforço de que sejamos capazes de (re)criar teorias, métodos e técnicas, hibridizando-os de tal forma a atender nossas questões/inquietações investigativas (GUTIERREZ, 2009). Para um olhar atento às dinâmicas de sociabilidade mediadas pelo digital em rede, partimos do pressuposto de que as “possibilidades interativas e hipertextuais graças à potência trazida pela linguagem

digital [...] revoluciona as formas de registro e de comunicação entre os indivíduos” (BARBOSA; SANTOS; RIBEIRO, 2018, p. 119). Com a chamada “liberação da palavra” constituinte das interações mediadas pelo digital em rede, as interlocuções ganharam maior dinamismo pela possibilidade de todas/os as/os usuárias/os serem emissoras/es em potencial de informação para a rede (LEMOS; LÉVY, 2010). O digital em rede configura-se como um espaço onde as informações/opiniões são compartilhadas de modo a construir redes de interação que abrem possibilidades praticamente ilimitadas para circulação e construção de novos conhecimentos (LEMOS; LÉVY, 2010).

Diversos pesquisadoras/es brasileiras/os do campo de estudos de gênero e sexualidade também desenvolveram e vêm desenvolvendo investigações no âmbito das práticas sociais mediadas pelas tecnologias digitais em rede. Partindo de princípios teórico-metodológicos distintos, cabe destacar a pesquisa de Zago (2009), que adotou como campo empírico um *site* voltado para o relacionamento de homens *gays*, o trabalho de Couto Junior (2017), que investigou no âmbito de uma comunidade no Facebook constituída por jovens não-heterossexuais e o trabalho de Pelúcio (2016), cujo foco analítico foram dois aplicativos móveis criados para fins de relacionamentos sexuais/amorosos. Os múltiplos campos de pesquisa e as variadas estratégias metodológicas utilizadas por essas/es pesquisadoras/es evidenciam o quanto o digital em rede é potente na elaboração de novas problemáticas investigativas, que passam a incluir também as interações sociais mediadas pelas dinâmicas ciberculturais.

A investigação em curso aposta na conversa *online* como pressuposto metodológico, pesquisando com homens que performatizam masculinidades dissidentes das normas regulatórias de gênero. Entendemos a dissidência como tudo o que escapa, ou seja, corpos, gêneros e sexualidades que se encontram em inconformidade com a norma vigente (COUTO JUNIOR; POCAHY; OSWALD, 2018). Butler (2015) considera o gênero como uma enunciação performativa, perspectiva que caminha em oposição à lógica biologizante. Essa lógica, ao focalizar na parte anatômica para diferenciar/hierarquizar/enquadrar corpos e gêneros em categorias estáticas e limitantes, desconsidera a linguagem e o discurso na forma como construímos nossas identificações. Para Butler (2015, p. 44), certas identidades de gênero e sexo constituem-se como “meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente por não se conformarem às normas da inteligibilidade cultural. Entretanto, sua persistência e proliferação criam oportunidades críticas de expor os limites e os objetivos reguladores desse campo de inteligibilidade”. Investigar a performatização das masculinidades dissidentes é reconhecer que não existe uma única forma de ser homem e que a constituição das masculinidades evidencia a fragilidade do regime heterocentrado (PRECIADO, 2014; GARCIA; BRITO, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A opção de conversar ao longo da pesquisa busca a máxima defendida, em linhas pós-estruturalistas, de promover o estranhamento dos acontecimentos sociais com os quais já estamos (supostamente) habituados a vivenciar. Entendemos o “estranhamento” aqui conforme a perspectiva de Zago (2009, p. 208), para quem em muitos momentos precisou se afastar do objeto de estudo com a intenção de “deixar o mato crescer”. De acordo com ele, “a implicação e o desejo em relação ao meu objeto, aos sujeitos da minha pesquisa, eram demasiadamente familiares para mim. Precisei apartar-me desta família, desfazer-me desta família. Precisei exilar-me do desejo” (ZAGO, 2009, p. 208). Esse afastamento foi necessário em sua pesquisa de mestrado, que interpretou as representações de corpo, masculinidade e sexualidade de perfis de homens disponibilizados em um *site* de relacionamento. Na ocasião,

afastar-se de seu objeto significava que ele precisava deixar as ideias multiplicarem-se e deixar a excitação dar lugar à problematização.

Assim, nossa aposta é de (re)criar múltiplas possibilidades investigativas que nos permitam produzir conhecimento na pesquisa em educação de forma a considerar outros *espaçostempos* na interação com os sujeitos que, nesta investigação, são as dinâmicas comunicacionais mediadas pelo digital em rede.

Palavras-chave: masculinidades; cibercultura; metodologia; conversa *online*.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Alexsandra; SANTOS, Edméa; RIBEIRO, Mayra. Diário online no WhatsApp: App-learning em contexto de pesquisa-formação na cibercultura. In: SANTOS, Edméa; CAPUTO, Stela Guedes (Orgs.). **Diário de pesquisa na cibercultura**: narrativas multirreferenciais com os cotidianos. Rio de Janeiro: Omodê, 2018, p. 111-131.

BOURDIEU, Pierre. **Poder simbólico**. Tradução de Fernando Thomaz. 4. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 2007.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 8. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. **Marcas da abjeção expressas em conversas sobre heteronormatividade com jovens no Facebook**: em defesa de uma pedagogia queer. 2017. 290f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; POCAHY, Fernando; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Crianças e infâncias (im)possíveis na escola: dissidências em debate. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 9, p. 55-74, maio/out. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2P5JGw6>>. Acesso em: 2 out. 2018.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Conversas em redes e pesquisas com cotidianos: a força das multiplicidades acasos, encontros, experiências e amizades. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 41-65.

GARCIA, Rafael Marques; BRITO, Leandro Teófilo de. Performatizações queer na educação física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1321-1334, out./dez. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2HQ9ahR>>. Acesso em: 11 fev. 2019.

GUTIERREZ, Suzana de Souza. A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 32., 2009, Caxambu. **Anais...** Caxambu: Espaço Livre, 2009, 16p.

LE MOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. Ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 49-63.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. Ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 25-47.

PELÚCIO, Larissa. Afetos, mercado e masculinidades contemporâneas: notas iniciais de uma pesquisa em aplicativos móveis para relacionamentos afetivos/sexuais. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 6, n. 2, p. 309-333, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2QqriOx>>. Acesso em: 20 set. 2018.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 Edições, 2014.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 21-40.

ZAGO, Luiz Felipe. **Masculinidades disponíveis.com**: sobre como dizer-se homem gay na internet. 2009. 227f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.